Casos &
.Causos

Por Nestor Leme

Vicente Marruco e o enterro do Zé Batateiro

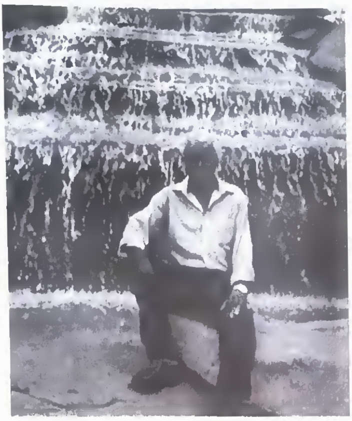
Como há muito tempo não tinha notícias do amigo Vicente de Moraes, a quem conheço como Vicente Marruco, numa manhã de domingo, estando na feirinha da Rua Antônio Ricci, resolvi perguntar ao também amigo Jair Orlandi sobre o Vicente. Do feirante, soube que o sumiço dele se devia ao fato de que, atualmente, ele sai pouco de casa.

Continuando a prosa, contei ao Jair algumas passagens que tive com aquele lendário personagem do Bairro da Serra. Em seguida, ele falou que o Vicente, em sua vida ativa, trabalhou muito, mas teve vida de rico. Embora não fosse bom de bola, jogou em todos os times de futebol daquele bairro, frequentou bailes, festas de santo, de casamentos, foi a romarias para vários lugares e até em excursões para a praia. Ou seja, aproveitou a vida.

Constituiu uma bela família e, o mais importante, não tem um só inimigo, pois brincava com todos e também admitia as brincadeiras que faziam com ele.

Conheci este personagem há uns sessenta anos, num domingo em que, estando como torcedor em um daqueles torneios futebolísticos que o pessoal do Grêmio Mantiqueira de Monte Alegre do Sul promovia anualmente, fui convidado pelo Tine – famoso dirigente dos times do Bairro da Serra – para completar um time do Caçado a Laço F.C., que ele estava formando para a disputa.

Entrei no vestiário para colocar o uniforme e ali encontrei-me, pela primeira vez, com o Vicente Marruco, com quem, de imediato, fiz amizade. O que não sabíamos é que, naquele encontro, começava uma amizade que perduraria por todos os tempos e continuaria com nossas famílias. E assim foi. Se tinha jogo no Guaiçara ou na Fazenda Pinheiros, era certeza que iríamos nos encontrar, lembrar acontecimentos de outros encontros e, com certeza, tomar alguns goles para comemorar. O tempo do futebol acabou, e nossos encontros se tornaram raros. Encontrei com ele algumas vezes pelas ruas de Serra Negra; trocávamos cumprimentos, e ficava naquilo.



Vicente (Marruco) de Moraes, personagem lendário do Bairro da Serra | *Arquivo de Nestor Leme*

Em 2003, depois de quarenta e tantos anos de trabalho, conquistei minha aposentadoria e, assim, nas manhãs de sábado, dava um "chego" ao Supermercado Pulini para as compras semanais. Foi ali que nos reencontramos com mais frequência. Ele, sabendo que eu tinha virado contador e escritor de causos, começou a me contar alguns que havia presenciado – ou então inventado. E foi assim, através das narrativas dele, que surgiram os causos do Nhô Lazo Rezador, do Chico Surdo, do atleta apetrechado Claudino de Matos e outros que ainda serão escritos.

Com o tempo, paramos de frequentar aquele supermercado e, daí, também paramos de nos encontrar. Relembrando do amigo, escrevi esta história vivida por ele, que, contada pelo Jair, foi mais ou menos assim:

O Vicente Marruco não deixava de acompanhar um só dos enterros dos que faleciam no Bairro da Serra. E, certo dia, ele soube da morte do Zé Batateiro, em Socorro. Como era amigo do morto, foi para aquela cidade participar do velório.

Aconteceu que, naquele dia, também havia falecido outro conhecido aqui em Serra Negra. Como havia diferença nos horários dos sepultamentos, o Vicente calculou que daria tempo de ir aos dois velórios. Esperando o horário marcado para o sepultamento do Zé, ele e os amigos foram a um bar fazer hora e tomar uns goles. Voltando ao cemitério, souberam que o sepultamento iria atrasar um pouco, pois um parente do morto, que morava longe, ainda não havia chegado.

Aquele atraso começou a preocupar o Vicente, pois ele não queria perder o enterro em Serra Negra. Preocupado com a demora, ele assim falou:

— Vão demorar muito para enterrar o Zé? Porque eu tenho outro enterro pra ir lá em Serra Negra!

Crônicas do
.Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

La vecchiaia è brutta

Vi uma publicação que mostrava diversas artistas novinhas e agora velhinhas e dizia que "la vecchiaia è brutta" (A velhice é feia). Tenho que discordar. De certo modo ela pode ser difícil, mas não por conta do que a publicação dizia. Um pouco difícil porque o corpo não responde com a mesma agilidade, os joelhos reclamam das escadas, e muitas doenças começam a nos alcançar. É o ciclo natural da vida mostrando que o tempo passou. Mas será que é só isso? Será que envelhecer é mesmo o fim de tudo, ou é apenas o começo de uma nova forma de ver a vida?

Talvez seja o fim para aqueles que só se preocupam com a beleza, mas para aqueles que sabem a importância de viver com tantos outros valores, como o amor pelas pessoas e pela vida, seja só o começo. Aqueles que se valorizam e têm sede de viver, permanecem jovens, sempre. Vivemos em uma época em que a juventude é exaltada como um troféu e a velhice é escondida, como se fosse uma vergonha. As redes sociais multiplicam filtros e promessas de juventude eterna, e muita gente passa a vida lutando contra o espelho, esquecendo-se de olhar para dentro. A beleza estética tornou-se quase uma obrigação, um passaporte para ser aceito. E, nesse frenesi de aparência, perde-se o essencial: o amor, o carinho, a história, a família, o crescimento interior.

Nosso corpo é muito mais do que um invólucro a ser admirado - ele é o diário onde estão todas as emoções que vivemos. Cada ruga é uma lembrança de um sorriso dado, cada marca é o vestígio de uma luta vencida. A velhice, por mais dura que seja, traz consigo uma poesia silenciosa: a de quem já viveu o bastante para entender que a beleza está em continuar amando, mesmo quando o corpo já não é o mesmo. A saúde enfraquece, a energia diminui, o corpo já não acompanha o espírito. Mas há algo que o tempo nunca leva: a capacidade de ser feliz.

E quem sabe ser feliz descobre que a velhice não é feia, é só diferente. É o retrato de uma vida que valeu a pena, cheia de histórias compartilhadas, de risadas que ecoam mesmo quando a voz já é trêmula. Como outro dia que, saindo de casa, vi sentado no bar um grupo de pessoas, uma família, com gente de todas as idades, todos rindo. A felicidade está nessa união e nesse amor. La vecchiaia può anche essere brutta - para quem só enxerga com os olhos. Mas para quem vê com o coração, ela pode ser feliz. Porque o verdadeiro espelho da beleza não está no rosto, mas naquilo que construímos e deixamos de herança: o amor.

Cultura
. e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Patrimônio imaterial: do Saci na igreja à Iara inclusiva

"Curtas Metragens - Patrimônio Imaterial de Serra Negra" | *Henrique Vieira Filho*

Existe uma data no calendário que, para mim, vale mais do que qualquer feriado bancário: 17 de Outubro, Dia do Patrimônio Imaterial. É o dia que celebra a alma de um povo, aquilo que a gente não pode tocar, mas que nos toca fundo: os saberes, as tradições, o folclore, a ginga. E aqui na Residência Artística, a gente não só celebra essa data, como a gente a vivencia através de ações concretas que salvaguardam nossa memória.

Minha jornada atual com projetos como o "Do Rural Ao Urbano - A Diversidade Das Artes De Serra Negra", o "Serra Negra: Um Passeio Pelas Cores Do Mundo" e o "Serra Negra no Cinema: A Iara e o Saci Circulam Pelos Campos" é a prova de que o patrimônio imaterial é o motor que nos move. A gente não está aqui só para fazer arte; estamos para não deixar a memória morrer.

O projeto "Do Rural Ao Urbano", teve pesquisa, documentação e memória sobre a obra de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito. Produzimos uma pesquisa acadêmica que não só valorizou o material - os murais - mas o imaterial: a história, a ousadia de um pintor naïf que foi lá e colocou o Saci dentro da igreja! O Saci, o Folclore, entrando no espaço sagrado. Isso é a prova de que a cultura popular é resiliente e se impõe. E o documentário sobre Cid imortaliza a trajetória desse artista que, sendo homossexual - na época da ditadura - e pintando figuras negras, indígenas e asiáticas ao invés do padrão europeu, já era um manifesto de inclusão antes da palavra virar hashtag.

E o folclore segue voando. O projeto "Serra Negra no Cinema" levou a lenda da nossa sereia brasileira, a Iara, para a linha de frente da preservação das nascentes aqui da região. Mas ele fez algo a mais, algo fundamental para o Patrimônio Imaterial: garantiu que ninguém ficasse de fora. O documentário "Iara - Guardiã De Nossas Águas" foi disponibilizado com Libras e Audiodescrição, democratizando

folclore. A inclusão, neste caso, é uma forma de garantir que o saber imaterial seja, de fato, de todos. A arte não pode ter barreiras, e a memória coletiva, muito menos.

Já o "Serra Negra: Um Passeio Pelas Cores Do Mundo" mostra que o patrimônio imaterial da cidade também é a sua capacidade de inspirar arte global. Minhas obras de artes visuais, inspiradas na essência serrana, já foram expostas de New York a Tóquio. Esse projeto prova que a identidade local pode cruzar oceanos, confirmando que o nosso saber-fazer e as nossas narrativas são universais.

O mais bonito é que todos os projetos buscam o pertencimento. Seja documentando o passado e a diversidade de Cid Serra Negra, seja garantindo a acessibilidade inclusiva do folclore da Iara, ou mostrando que a arte feita aqui ressoa no mundo, a gente celebra a certeza de que, ao documentar o passado e inspirar o presente, o futuro do nosso patrimônio

104,5 fm SERRA NEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria
Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
[illegible]
Fones.: (19)
3892-2147
3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Cultura e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Patrimônio imaterial: do Saci na igreja à Iara inclusiva

"Curtas Metragens - Patrimônio Imaterial de Serra Negra" | *Henrique Vieira Filho*

Existe uma data no calendário que, para mim, vale mais do que qualquer feriado bancário: 17 de Outubro, Dia do Patrimônio Imaterial. É o dia que celebra a alma de um povo, aquilo que a gente não pode tocar, mas que nos toca fundo: os saberes, as tradições, o folclore, a ginga. E aqui na Residência Artística, a gente não só celebra essa data, como a gente a vivencia através de ações concretas que salvaguardam nossa memória.

Minha jornada atual com projetos como o "Do Rural Ao Urbano - A Diversidade Das Artes De Serra Negra", o "Serra Negra: Um Passeio Pelas Cores Do Mundo" e o "Serra Negra no Cinema: A Iara e o Saci Circulam Pelos Campos" é a prova de que o patrimônio imaterial é o motor que nos move. A gente não está aqui só para fazer arte; estamos para não deixar a memória morrer.

O projeto "Do Rural Ao Urbano", teve pesquisa, documentação e memória sobre a obra de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito. Produzimos uma pesquisa acadêmica que não só valorizou o material - os murais - mas o imaterial: a história, a ousadia de um pintor naïf que foi lá e colocou o Saci dentro da igreja! O Saci, o Folclore, entrando no espaço sagrado. Isso é a prova de que a cultura popular é resiliente e se impõe. E o documentário sobre Cid imortaliza a trajetória desse artista que, sendo homossexual - na época da ditadura - e pintando figuras negras, indígenas e asiáticas ao invés do padrão europeu, já era um manifesto de inclusão antes da palavra virar hashtag.

E o folclore segue voando. O projeto "Serra Negra no Cinema" levou a lenda da nossa sereia brasileira, a Iara, para a linha de frente da preservação das nascentes aqui da região. Mas ele fez algo a mais, algo fundamental para o Patrimônio Imaterial: garantiu que ninguém ficasse de fora. O documentário "Iara - Guardiã De Nossas Águas" foi disponibilizado com Libras e Audiodescrição, democratizando o acesso ao folclore. A inclusão, neste caso, é uma forma de garantir que o saber imaterial seja, de fato, de todos. A arte não pode ter barreiras, e a memória coletiva, muito menos.

Já o "Serra Negra: Um Passeio Pelas Cores Do Mundo" mostra que o patrimônio imaterial da cidade também é a sua capacidade de inspirar arte global. Minhas obras de artes visuais, inspiradas na essência serrana, já foram expostas de New York a Tóquio. Esse projeto prova que a identidade local pode cruzar oceanos, confirmando que o nosso saber-fazer e as nossas narrativas são universais.

O mais bonito é que todos os projetos buscam o pertencimento. Seja documentando o passado e a diversidade de Cid Serra Negra, seja garantindo a acessibilidade inclusiva do folclore da Iara, ou mostrando que a arte feita aqui ressoa no mundo, a gente celebra a certeza de que, ao documentar o passado e inspirar o presente, o futuro do nosso patrimônio imaterial está garantido.